



Universidade  
ESTADUAL DA PARAÍBA

CENTRO DE HUMANIDADES  
CAMPUS III – GUARABIRA, PB  
Departamento de História

# O ESTÁGIO EM HISTÓRIA: IMPRESSÕES SOBRE A DIDÁTICA NO ENSINO DE HISTÓRIA

Raquel Cardoso da Motta Silveira

Guarabira, PB  
2014

Raquel Cardoso da Motta Silveira

# O ESTÁGIO EM HISTÓRIA: IMPRESSÕES SOBRE A DIDÁTICA NO ENSINO DE HISTÓRIA

Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) ao Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual da Paraíba, como exigência para obtenção do título de Graduado em História.

**Orientador: Prof<sup>o</sup> Dr. Martinho Guedes dos Santos Neto**

Guarabira, PB  
2014

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE  
GUARABIRA/UEPB

S587e

Silveira, Raquel Cardoso da Motta

O estágio em história: impressões sobre a didática no ensino de história / Raquel Cardoso da Motta Silveira. – Guarabira: UEPB, 2014.

17 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) Universidade Estadual da Paraíba.

Orientação Prof. Dr. Martinho Guedes dos Santos Neto.

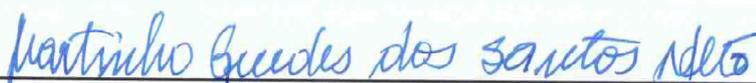
1. Ensino de História. 2. Didática. 3. Formação Docente. I. Título.

22.ed. CDD 371.12

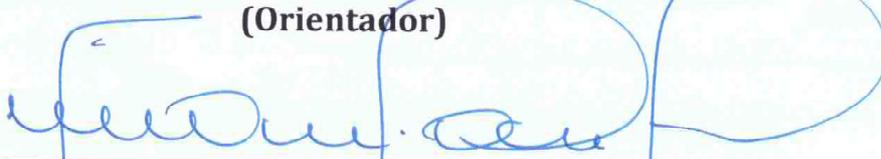
# O ESTÁGIO EM HISTÓRIA: IMPRESSÕES SOBRE A DIDÁTICA NO ENSINO DE HISTÓRIA

Raquel Cardoso da Motta Silveira

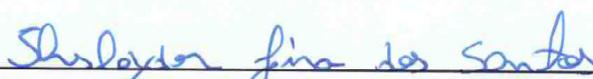
Banca Examinadora



Prof<sup>o</sup>. Dr. Martinho Guedes dos Santos Neto - UEPB  
(Orientador)



Prof<sup>ª</sup>. Dr. Marisa Tayra Teruya - UEPB  
(Examinadora)



Prof<sup>ª</sup> Ms. Shslyder Lira dos Santos - FAEST-RS  
(Examinador)

## AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus, que escreveu minha *HISTÓRIA*, a quem eu devo toda a minha vida, inteligência e discernimento. Além das incontáveis vitórias concedidas a mim, força, sabedoria e coragem, faz-me sentir um ser abençoado.

Aos meus familiares, minha doce mãe, Eva Maria Cardoso da Motta, meu pai, Ricardo Leão da Motta Silveira, e os meus amados irmãos, por todo apoio, compreensão e respeito a todas as dificuldades que encontrei ao longo desses cinco anos de História e Estórias.

Aos mestres que me inspiraram e com grande maestria me guiaram pelos caminhos apaixonantes da História, em especial aos professores Dr. Martinho Guedes dos Santos Neto que foi de uma incrível paciência para comigo, Carlos Adriano de Lima, Alômia e Paula Rejane, por todo apoio, paciência e conversas informais que contribuíram para minha formação pessoal. São pessoas lindas que admiro demais.

Enfim, a todos os amigos que permitiram e me ajudaram para que isso tudo fosse concretizado em especial a Manassés Freitas, Joanne Naelly e Ronny Agostinho, juntos formamos o quarteto, onde estiver levarei comigo na memória, amo vocês.



# O estágio em história: impressões sobre a didática do ensino de história

Raquel Cardos da Motta Silveira

## INTRODUÇÃO

Nosso trabalho busca a partir da prática do estágio, perceber como novas concepções, novas abordagens e práticas de didáticas são incorporadas como promoção da inovação e da reformulação da prática de ensino nas escolas públicas em nossa sociedade, para que a partir dessas ideias possamos contribuir para pensar a prática docente na formação de cidadãos críticos conscientes.

Em um primeiro momento, iremos principiar uma breve apresentação de nossa iniciação na prática docente através do estágio, onde o contato com o público estudantil nos permitiu visualizar a realidade do contexto escolar a partir da prática de ensino e, cuja aplicação didática pouco diverge de um espaço interiorano para outro, ainda mais que participa de um processo político-institucional. Dessa maneira sabemos que é tarefa difícil quebrarmos a tradicional construção histórica da aplicação dos conteúdos como método de ensino, principalmente àquela colocada como estratégia didática de ensino para a disciplina de história que, na maioria das vezes, é entendida como “decoreba”.

Apreciamos também um pouco sobre o campo de pesquisa, conhecendo o que oferece, enquanto estrutura organizacional para clientela estudantil: a escola, bem como as características do funcionamento do ambiente escolar. Pela experiência do estágio supervisionado em história, observamos o ambiente escolar, os usuários desse ambiente e as perspectivas que, naturalmente tendem a emergir, seja para perspectiva do ensino-aprendizagem, seja para perspectiva, morosa e pessimista, com a ideia de que a aprendizagem não tem valor substancial, mas, é apenas diplomática, ou seja, se configura em uma etapa formal para obtenção de um papel.

A partir desse reconhecimento iniciamos nossa discussão acerca da docência tendo em vista que é sem dúvida a principal pauta de nosso trabalho, pois a necessidade de uma (re)formulação na prática de ensino torna-se algo imprescindível para que a educação possa avançar no que diz respeito a novas práticas e aplicações didáticas, principalmente na formação de cidadão conscientes, que nascem de educadores

comprometidos e que aplicam nas suas aulas a necessidade e possibilidades de construção dessa sociedade consciente, por parte de cada indivíduo.

## **Uma abordagem sobre novas práticas de ensino no estágio**

Nosso trabalho é pautado numa leitura acerca das impressões sobre a prática docente, tendo em vista uma análise acerca da experiência de estágio na turma do EJA, a qual nos detivemos sobre o mesmo como objeto de pesquisa. Nesse sentido, a abordagem e aplicação de conteúdos na sala de aula é uma ferramenta fundamental para nossa discussão enquanto falamos de tradicionalidade e inovação da perspectiva didática, principalmente ao tratarmos também o currículo escolar como influente na aplicação didática.

No entanto, nosso trabalho também descreve nossa experiência como estagiário em sala de aula. O qual é empregado pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação, (LDB/1996), que estabelece regras sobre os estágios “dos alunos regularmente matriculados no Ensino Médio Magistério, ou superior em sua jurisdição” (art.82)<sup>1</sup>. Essa lei regula o ensino nos estados e no país, nela o estágio mostra-se necessário para a formação do professor e de qualquer outro profissional que egressa de uma instituição de ensino superior, pois o observando fazer aprende-se a fazer. Ademais, é também necessário no sentido de proporcionar uma primeira experiência e situar o recém-formado no exercício da profissão. Sobre este aspecto:

O estágio é um espaço onde se produz conhecimento pedagógico, a partir da análise e da reflexão das práticas pedagógicas que se dão em nossas escolas públicas, aproximando os alunos estagiários da realidade dessas escolas, a fim de que possam compreender melhor os desafios que deverão enfrentar no mundo do trabalho, de forma crítica e consciente GUERRA (1999, p. 33).

Desse modo é importante lembrarmos que o trabalho com a disciplina de história no campo de estágio, corresponde também, a informação e a compreensão da construção histórica da mesma ao longo dos anos, é preciso, portanto, entendermos e, principalmente, desconstruir uma ideia de que a história está previamente estabelecida no universo escolar no qual estaremos adentrando como algo sem grande importância. Dessa forma os desafios pedagógicos estão, sobretudo, ligados ao conhecimento prévio dos docentes, que por muito tempo não foram incitados a uma criticidade, mas apenas uma decodificação dos conteúdos de história.

---

<sup>1</sup>Ela prevê o estágio em diversas profissões, mas a lei que regulamenta especificamente os estágios é a Lei 11.788 de 2008: Dispõe sobre o estágio de estudantes entre outras providências.

Não se trata de apreendermos um estatuto de inovações cotidianas, mas, uma perspectiva de que a produção do conhecimento, e mais ainda, a instrução histórica é também, uma instrução formativa para o cotidiano, na perspectiva de que ao aluno seja entendida como espacialização contextual do indivíduo. Não se trata ainda de conceber o ensino de história como transformação plena da realidade, mas, como elemento que, didaticamente, pode instigar ao pensamento, a criticidade do indivíduo.

Sendo assim, é importante que conheçamos previamente como e o que os alunos mesmos compreendem e esperam do ensino de história, para que possamos iniciar a construção de um conhecimento, onde a partir da disciplina de história, eles possam refletir e perceber-se enquanto agentes produtores da própria história, e da mesma forma não apenas apreender os conteúdos, mas entender o processo de construção da história.

No entanto, sabemos que é difícil desconstruir e quebrar toda uma construção histórica acerca dessa disciplina, porém a partir do contato com os alunos, como estagiária de graduação, a percepção foi a de que existe um espaço que pode ser aproveitado didaticamente pelos professores, mas que, na maioria das vezes é esvaziado pela estrutura maçante do ambiente escolar e de um processo didático apressado, conteudista.

É, portanto, a partir da nossa vivência no campo de estágio que procuraremos tecer algumas considerações, aqui relataremos a nossa vivência no espaço de uma instituição pública de ensino. Tendo como referencial as dificuldades que enfrentamos, bem como o cotidiano da escola a que pudemos assistir, onde tivemos a oportunidade de acompanhar uma turma do 8º ano EJA, na E.E.E. F. e M José Soares de Carvalho, o Colégio Estadual de Guarabira - PB.

Notadamente, o cotidiano da sala de aula é marcado por uma série de desencontros, que passa tanto pela regularidade do ensino, quanto pela dificuldade da escola em receber o aluno estagiário, o que inclusive nos levou a perceber as limitações dos estagiários. Essas afirmações passam pela percepção de que a presença do estagiário desconcerta um cotidiano que, na maioria das vezes, não se propõe a fazer grandes modificações, ou não quer grandes novidades. A impressão que ficou foi a de que a presença do estagiário poderia desconcertar a lógica do ensino, que não seria do menor esforço, mas, seria do regularmente repetido como estratégia didática de conhecimento

para disciplina.

Nesse sentido, quando desenvolvemos as atividades com a finalidade de instigar o questionamento dos alunos, mostrando-os fatos históricos de modo integrado com debates e discussões, que viessem influenciar positivamente na vida social dos alunos, fazendo-os perceber que são todos agentes históricos, percebemos que tudo parecia meio que na contramão do que se havia colocado até então, para a disciplina. Não podemos dizer que a recepção foi negativa, mas, percebemos que havia certa surpresa pela forma como os conteúdos foram discutidos na sala de aula.

Assim, preocupamo-nos em estabelecer, o que significou para nós como uma mudança de paradigmas, uma vez que percebemos que a proposta de novas metodologias é essencial para a prática do ensino nos novos tempos em que vivemos, onde a diversidade se constitui como uma constante na sala de aula. Por isso, a necessidade de conhecer um pouco mais do cotidiano dos alunos, para melhor atendê-los, e encontrar alternativas de trabalho, para que pudéssemos introduzir assim uma nova didática, despertando no alunado, a importância do estudo de história.

Desta feita, encontramos uma clientela de alunos motivados a aprender, tendo em vista a necessidade de recomeçar, pelo fato de muitos terem que lidar com trabalho e estudo, uma realidade dos estudantes como um todo. Somado a isto, pudemos perceber que havia o interesse em contribuir para a aplicação da temática trabalhada na sala de aula. Queríamos trazer ao menos novidades na aplicação do conteúdo de história, tratando com a possibilidade de estudar história, por exemplo, a partir de filmes, documentários entre outras ferramentas didáticas de ensino.

Tendo em vista, a necessidade compreendermos a necessidade de aplicação de um currículo pré-determinado pelas instituições a partir de interesses regidos pelo estado, nos deparamos com a obrigação discutirmos, avaliarmos e interferirmos no que diz respeito a escolha de conteúdos a serem ministrados em sala de aula, pois devemos conhecermos as necessidades de nossa clientela para poder aplicar os conteúdos de maneira a contribuir na construção do conhecimento dos alunos de forma a criação de cidadãos com censo crítico.

Desse modo a necessidade de aplicação de uma didática que viesse possibilitar ao aluno não apenas conhecer os conteúdos, mas problematizá-los e fazer uma compreensão crítica da formação da história, torna mais atraente e consciente a

aprendizagem, sendo essa uma maneira necessária para o trabalho com a disciplina de história. Ainda mais que os mesmos se mostraram interessados e motivados não só a contribuir, como participaram ativamente das aulas perguntando e problematizando os conteúdos.

Tendo em vista que a aplicação prática de didática segundo Libâneo (1990)<sup>2</sup>, está “[...] fundamentada na dialética, [...] campo em constante construção/reconstrução, de uma práxis que não tem como objetivo ficar pronta e acabada”. Percebemos que a aula de história em seu sentido mais amplo deve proporcionar a criticidade dos alunos, portanto, essa aplicação “inovadora” contribui para a formação desse pensamento.

Porém, devemos lembrar que a relação conteúdo e vivência do aluno é outro ponto de fundamental importância para a formação dos discentes enquanto indivíduos críticos na sociedade. Para isto, é preciso conhecer a realidade de cada aluno, pois nos levaria a aproximarmos de sua realidade de vida, e o contato com os conteúdos a serem abordados em sala. Podemos dizer que os alunos com os quais trabalhamos, nos favorecia tal compreensão, tendo em vista que os mesmos fazem parte de uma realidade a qual citamos de um cotidiano atarefado, ou seja, são pessoas que convivem numa relação estudos e trabalho, em busca de melhores condições de vida e oportunidade de aprender.

Por se tratar de uma turma de EJA, as perspectivas de aprendizagem podem ser somadas a um tipo de consciência prática da realidade em que estão inseridos, na perspectiva de que a escola deve ser um espaço de franco aprendizado, ou seja, percebemos uma relativa idealização de que o espaço escolar deveria ser mais instigante, mais atraente e mais substancialmente, fomentador.

É, pois, nessa dialética prático-cotidiana que percebemos certa monotonia didática; o espaço de produção e fomentação de conhecimento parece um tanto truncado e, por mais que se tenha relativo interesse, passa-se a ser engolido por um cotidiano escolar maçante. Nisso percebemos que as estratégias de ensino seguem um ritmo enfadonho e, por vezes desprezível, sobretudo, quando se trata da disciplina de história.

### **Observando e problematizando o campo de trabalho**

Sob o ponto de vista físico, o colégio em que estagiamos apresenta-se bem

---

<sup>2</sup> LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1990.

favorecido, apresentando ginásio de esporte, biblioteca, sala de vídeo e uma boa localização. Quanto ao alunado, pode-se dizer que se compõe, em sua maioria, de pessoas que trabalham durante o dia e estudam à noite; isso termina por aumentar as obrigações do professor, que precisa se esmerar ao máximo para conseguir ministrar todo o conteúdo programático, uma vez que o estudante não dispõe de tempo livre suficiente para realizar suas pesquisas. Nesse ponto, percebemos que a educação de jovens e adultos necessita ser diferenciada, no sentido de se adequar à realidade do aluno que recebe. Outro ponto que pudemos notar foi no tocante ao livro didático, as quais muitos alunos não tinham acesso. Isso funciona como agravante do processo de aprendizagem, pois impossibilita o estudo do tema pelo aluno em momentos fora da sala de aula.

Diante disso, a necessidade em conciliar a vivência pessoal de cada um, com a realidade escolar é algo que dificulta um pouco a aprendizagem dos alunos, tendo em vista, que muitas vezes os mesmos chegam à sala de aula cansados da labuta diária. Mas é interessante a disponibilidade de participação e força de vontade de cada indivíduo, bem como seu empenho em querer aprender; no entanto, é necessário ressaltarmos que varia o nível de participação e vontade de avançar, pelo fato de muitos inclusive estarem apenas buscando um certificado de ensino médio. Porém, apesar das adversidades da vida encontramos alguns jovens que ainda sonham em construir uma vida escolar para além do nível médio de ensino.

Essas afirmações podem soar aqui como um contrassenso, mas, na verdade não é. De fato percebemos certo interesse por parte de alguns alunos, percebemos a vontade de que, pela conclusão do ensino regular, as possibilidades de melhoria social e de emprego fossem alcançadas. Mas o que nos faz pensar em um possível contrassenso, frente ao que apontamos até aqui é a ideia de que a disciplina de história não funciona e, conseqüentemente, a motivação, ou as perspectivas da aprendizagem histórica sejam sumariamente reduzidas.

O que emerge na nossa percepção do campo de estágio, sem ainda entender muito bem, é uma estrutura forçosa e pouco funcional das atividades didáticas e o modo como se processa o desenvolvimento dos programas das disciplinas, ainda mais àquelas, cujo conteúdo tem um complemento social e interpretativo mais evidente. Com isso, a ideia motivadora do ensino tende a declinar, frente às perspectivas dos alunos.

De todo modo, não sei se posso neste relato apreender categoricamente os

significados de certa apatia para com o cotidiano e com o processo de ensino-aprendizagem em história, a partir da nossa experiência no campo de estágio. Mas, com certeza, a impressão foi a de que a didática e as estratégias aplicada na sala de aula, não resultam em um processo que instiga os alunos a aprenderem história.

## **A Docência**

Antes de darmos nossa aula, encontramos-nos com a professora titular da turma, a qual nos orientou acerca da aula e do tema a ministrar. Nesse momento, ela nos entregou o material e estabeleceu a data na qual teríamos que cumprir aquele objetivo; é necessário destacar aqui que a professora titular, esteve sempre solícita para nos inteirar do perfil do alunado que teríamos de atender e sempre esteve à disposição para quaisquer providências, o que favoreceu nossa atividade, tendo em vista que a mesma nos orientou previamente enquanto o público que estaríamos trabalhando.

Nas aulas que ministramos, optamos por dar uma aula tradicional, no sentido metodológico, no entanto procuramos mostrar ao aluno que é possível raciocinar, que é possível obter conhecimento a partir do uso organizado do raciocínio. Ou seja, fizemos pouco uso dos novos recursos disponíveis para o ensino<sup>3</sup>, não obstante os considerarmos úteis; preocupamos sim, tendo em vista o tempo escasso de que dispúnhamos como dar uma aula que representasse um diferencial na forma metodológica de busca a apreensão do raciocínio. Portanto, mesmo sendo uma aula pautada nas técnicas tidas como “tradicionais”, a organização e proposta de trabalho já divergia um pouco do verdadeiro “tradicional”, pelo fato de abrirmos possibilidades de diálogo e interação por parte da turma.

Dessa maneira, em princípio, sentimos certa resistência por parte da turma em conseguir participar, tendo em vista as dificuldades pelo fato de não ser comum que pudessem participar ativamente das aulas expondo suas opiniões, com isso conseguimos ao mesmo tempo entender como deveríamos trabalhar as aulas de história, pois, seria mais proveitosa a aula, se iniciássemos com indagações aos que ali assistiam, para que os alunos pudessem obter ao mesmo tempo conhecimento prévio, e fazê-los interagir com a disciplina e conteúdo a ser ministrado.

---

<sup>3</sup> Aqui caracterizamos tais recursos como: filmes, recortes, documentos, imagens entre outros que podem ser utilizados nas aulas de História.

Queríamos transmitir uma visão diferente do conhecimento, objetivando, apesar daquelas poucas aulas, indicar um caminho possível de ser trilhado. Sob este prisma, o tema da aula funcionou como ponte para estabelecer a relação entre o mero conhecimento sobre a matéria e sua significação para o dia a dia. Desse modo os mesmos puderam relacionar o conhecimento que tinham com os conteúdos de história, e a partir dessa relação entender que a disciplina de história não seria apenas uma decodificação de datas, mas a compreensão dos conteúdos e sua relação com nossa sociedade.

Ao planejar nossas aulas, baseamo-nos na premissa de que todos que vivemos o presente devemos ter condições de agir positivamente sobre ele, refletindo sobre os acontecimentos e construindo, através deles, uma trajetória que nos leve a compreender o nosso próprio viver enquanto sujeitos da história. Por esse motivo, tentamos mostrar que a história existe não apenas para aqueles que a leem nos livros didáticos, mas que é uma construção contínua de todos, pois:

O que se espera socialmente do ensino de História? Espera-se que ela forneça um conjunto de conhecimentos mais ou menos fragmentários cujo domínio deveria ser obrigação de todo cidadão. Assim, determinadas coisas, acontecimentos e pessoas, se bem compreendidas e guardadas - o que envolve também um elemento afetivo - propiciariam ou ajudariam a propiciar um bom cidadão (CERRI, 2010, p. 265).

Por essas considerações e tendo como foco o que se espera socialmente do ensino de história, houve certo desconforto de nossa parte, quando percebemos que a ideia de que a história ainda seria um apanhado cronológico de datas e afirmações prontas, cujo fim seria apenas decorar para prova. Ainda não sabemos precisar o que de fato tem-se como didática de ensino, como o ensino da disciplina utiliza-se de algum componente afetivo e identitário dos alunos como estratégia de ensino, contudo, uma coisa ficou evidente: a didática e as estratégias de ensino não contemplam, ou não atendem, ou ainda, não chegam aos alunos como algo próximo e de fácil entendimento.

Neste cenário, e da forma bem preliminar, percebemos que há uma crise didática no ensino de história. O que se tem aplicado como elementos para alavancar o processo de ensino-aprendizagem em história, parece não surtir o efeito esperado.

## **Análise da Prática aplicada.**

Neste cenário, nossa experiência no estágio se iniciou no dia 16/08/13, quando fomos incumbidos pela senhora professora titular de ministrar uma aula sobre a Segunda Guerra Mundial; começamos nossa aula, por orientação da referida professora, tentando que sondar os conhecimentos prévios dos alunos, dessa forma pudemos conhecer um pouco sobre o que eles tinham visto nas últimas aulas e o que conheciam sobre o tema proposto para abordagem.

Procuramos abordar conhecimentos a partir da compreensão dos conceitos de Guerras, bem como os antecedentes e o que eles entendiam por Nazismo; desse modo, buscamos ativar a compreensão dos mesmos sobre as demais influências que acarretaram o início de uma Guerra: seja a formação de alianças ou conflitos no contexto de disputa por hegemonia, algo que foi preciso ser trabalhado com cautela para que o alunado conseguisse entender não apenas o conceito de hegemonia, mas principalmente sua relação e influência na Guerra.

Apresentamos aos alunos o conteúdo mostrando que durante o período entreguerras (Primeira e Segunda Guerra), houve o surgimento de três potências militarizadas (Alemanha, Itália e Japão) dispostas a ampliar seus espaços de influência, o que criou as condições para deflagrar um o novo conflito mundial. Tais nações, cujos governos tinham orientação fascista, uniram-se numa coalizão chamada Eixo. Já as potências tradicionais – Grã-Bretanha, França e Estados Unidos –, buscando manter suas posições e o domínio econômico mundial, formaram o bloco dos Aliados juntamente com a União Soviética, após ter sido invadida pela Alemanha nazista. O conflito acabou envolvendo a maioria dos países do globo (participaram países dos cinco continentes). Em algumas nações, como França e Iugoslávia, a Segunda Guerra Mundial resultou num confronto interno entre os partidários dos dois blocos. No final, os Aliados conseguiram derrotar o Eixo.

Destarte, podemos dizer que a informação passada de maneira trabalhada a partir da construção do conhecimento possibilitou aos alunos compreenderem a Segunda Guerra Mundial não apenas a partir da ótica ocidental europeia, pois mostramos aos mesmos a influência do pensamento eurocêntrico sobre a história, mais ainda a perspectiva de heroicização dos seus indivíduos, mas entendendo os valores e pormenores que perpassam os momentos históricos diversos. Noutro momento, demos

continuidade ao que havíamos iniciado na aula anterior; começando por uma breve revisão e dando prosseguimento ao trato do tema abordado. Desse modo, tratamos da invasão da URSS, bem como da Guerra na Europa que, em meados de 1941, rompendo o acordo com Stálin, Hitler decidiu atacar a União Soviética. Contrariando as estratégias de seus generais, que queriam primeiro tomar Moscou.

Por fim, para melhor expor aos alunos a questão da Guerra e dos campos de concentração, fizemos recortes do filme “A Vida é Bela”. O mesmo remonta a uma história passada na Segunda Guerra Mundial na Itália, o judeu Guido (Roberto Benigni) e seu filho Giosué são levados para um campo de concentração nazista. Afastado da mulher, ele tem que usar sua imaginação para fazer o menino acreditar que estão participando de uma grande brincadeira, com o intuito de protegê-lo do terror e da violência que os cercam.

Ao final das aulas ministradas procurávamos averiguar a compreensão dos alunos acerca das aulas; fizemos isso através da elaboração de questões a serem respondidas oralmente pelos alunos. Igualmente, utilizamos o livro didático, não apenas na programação da aula, mas também no processo de avaliação.

Após esse breve relato, focou-nos a impressão de que a movimentação da aula deveu-se a um somatório de recursos que, entre outros objetivos, buscou a fala, a participação, as impressões, as caracterizações e as formulações dos alunos sobre o tema. O filme utilizado na aula deu vazão às falas e instigou uma participação que até então vinha sendo atropelada.

Não dispensamos nenhum dos recursos que tínhamos, tampouco, deixamos de utilizar os que, desde sempre vinham sendo utilizados, por exemplo, o livro didático que, embora não fosse de uso corrente pelos alunos o acesso, na escola foi facilitado na escola. Com ele trabalhamos a temática para além das observações apresentadas, para que se construísse o conhecimento não apenas, pela prática de uma educação bancária, ou seja, uma aplicação didática dos conteúdos, sobre o alunado que apenas recebe e armazena os conteúdos como se fossem salvos numa memória de computadores, para mera decodificação para avaliação (prova). A conjugação do filme com o livro didático, nos possibilitou articular ideias, falas e percepções com o conteúdo, de modo que o aproveitamento fosse substancial para os alunos.

Nisso tivemos como resultado um amplo debate, construído por posicionamentos e colocações que, a todo o momento foi “amarrado” por nós a partir do conteúdo. Frente

a essa experiência, observamos que a perspectiva de um ensino repetitivo, cujos conteúdos se constituem como um avolumado processo, quase sempre sem sentido aparente, não cabe mais na sala de aula. Outra didática deve ser pensada para que a interpretação dos conteúdos fomente posicionamento e opiniões, na base da leitura de mundo dos alunos.

Dessa forma podemos dizer que a relação professor aluno se dá na construção de meios de interação entre os mesmos a partir de mecanismos que iniciam desde a discussão acerca de conteúdos a serem trabalhados pelo currículo escolar, bem como a ministração dos temas em sala, e abertura para obtenção de conhecimento também informativo por parte do professor que se dispõe a conhecer o que os alunos entendem e sabem a respeito do tema, como os alunos constroem o seu conhecimento de maneira interativa com o professor que torna-se mediador e não detentor do conhecimento e da verdade.

Dessa forma a prática de ensino deve alinhar-se a ação da prática cotidiana dos alunos, de modo que estes possam aplicar o que aprenderam de maneira correlativa a vivência real de cada indivíduo, não apenas tendo os conteúdos como uma proposta de matéria a ser decorada para uso apenas para obtenção de uma aprovação.

No entanto, para Libâneo (1990 p. 3) "a prática escolar consiste na concretização das condições que asseguram a realização do trabalho docente", porém, o que observamos em nossa sociedade é uma classe educadora que se sente desvalorizada em relação a algumas profissões que são supervalorizadas isso acaba por influenciar no desempenho profissional dos mesmos. Tais condições não se reduzem ao estritamente "pedagógico", já que a escola cumpre funções que lhe são dadas pela sociedade concreta que, por sua vez, apresenta-se como constituída por classes sociais com interesses antagônicos, tendo em vista que para o mercado de trabalho não é preciso ou necessário cidadãos críticos, mas apenas cumpridores de suas funções de modo prático para o mercado. A prática escolar tem atrás de si, condicionantes sociopolíticos que configuram diferentes concepções de homem e de sociedade e, conseqüentemente, diferentes pressupostos sobre o papel da escola, aprendizagem, relações professor-aluno, técnicas pedagógicas etc.

Esses pontos deixam claro que o modo como os professores realizam seu trabalho, selecionam e organizam o conteúdo das matérias, ou escolhem técnicas de ensino e avaliação tem a ver com cumprimento de supostos teórico-metodológicos, que

determinam o que dever ser aplicado na sala de aula. Mas como já discutimos e apontamos anteriormente é preciso, e torna-se nosso objetivo transformar a educação de nosso país, com aplicação de novas formas de compreender a sala de aula, bem como aplicar os conteúdos para que os mesmos sejam possibilidades de formação de ser crítico e não apenas mais um conteúdo estudado e passado pelo professor. Principalmente nós historiadores precisamos modificar o modo como a sociedade estudantil tem enxergando nossos conteúdos e principalmente a disciplina de história.

É preciso principalmente que esses conteúdos não sejam ofuscados pelo professor, escola ou qualquer entidade, pois, a função de ensinar, por se tratar essencialmente de tarefa múltipla e complexa, exige uma formação continuada que priorize a qualificação para o exercício da função na atualidade, marcada pela emergência de novos mecanismos de formação e de transmissão do conhecimento. Tal especificidade vem fortalecer o caráter comunicacional da docência, pois é imprescindível notarmos que a função primordial do professor é ser um mediador do conhecimento.

## **CONCLUSÃO**

No nosso humilde sentir, podemos dizer que as nossas impressões vêm contribuir para a perspectiva de mudanças no âmbito da didática do ensino de História, por isso durante nosso trabalho buscamos discutir que a relação professor-aluno deve acontecer de maneira aberta para que os níveis de diferenças entre os mesmos sejam equiparados, como citamos, a ideia de fazer uma previa análise dos conhecimentos dos alunos acerca do tema é fundamental para que os mesmos consigam sentir-se a vontade para poder discutir os conteúdos e apresentarem seus pontos de vista, constroem muito mais conhecimento do que repetir, ininterruptamente, um crescente apanhado de conteúdos sem integração social e intelecto-afetiva.

Portanto, nosso trabalho buscou, pelas nossas percepções, uma outra forma de compreender o ensino de história como um processo que inter-relaciona professores e alunos, bem como a necessidades de inovações na prática de ensino de modo melhorar cada vez mais a qualidade de nossa educação.

## **REFERÊNCIAS.**

ALMEIDA, J. S.. **Estágio Supervisionado na Formação de professores**. Caderno de Pesquisa, São Paulo, n. 93, p. 22-31, maio de 1995.

ALVES, Vágner Camilo. **O Brasil e a Segunda Guerra Mundial** PUC-Rio.

BRZEZINSKI, Iria. **Pedagogia, pedagogos e formação de professores: busca e movimento**. São Paulo: Papirus, 1996.

CERRI, Luis Fernando. Didática da História: uma leitura teórica sobre a História na Prática. IN: **Revista de História Regional 15(2)** Londrina, 2010; p. 264-278.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: PAZ E TERRA, 1967.

GUERRA, Mirian Darlene Seade. Reflexões sobre um processo vivido em estágio supervisionado: dos limites às possibilidades. 1999. Disponível em: <  
<http://www.anped.org.br/reunioes/23/textos/0839t.PDF> >

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1990.

\_\_\_\_\_. **Democratização Da Escola Pública: a pedagogia crítico social dos conteúdos**. 4. Ed. São Paulo: Loyola, 1986.

WILLMOTT, H. P.; CROSS, Robin; MESSENGER, Charles. **Segunda Guerra Mundial** Nova Fronteira.